

CLOVIS DA MATA

“Amazoníadas”
um
poemário
de
caboclitude

1979

Do Amazonas — “Histórica e social é a poesia de Clóvis Albuquerque da Mata, neste livro acertadamente intitulado “Poemas Telúricos”. Subjetivo nas distinções da sensibilidade, assim ao jeito discursivo da criação afetiva e cívica. O sentido do belo é o da ação que desperta, nas sessenta e sete páginas, uma visão de conjunto acerca dos descobridores da Amazônia Ocidental, dos fatos de vida e morte da época áurea da Borracha”. **João Mendonça de Souza**. “O autor brindou-nos com bons poemas telúricos, porque impregnados da terra em que nasceu, com esses cenários naturais e empolgantes, onde a mão do Artista da Criação deixou o colorido mais vivo de suas tintas refulgentes”. **Padre Nonato Pinheiro**.

Além-fronteiras — “La Fuerza y el estilo cosmicos que hallamos en los “Poemas Telúricos” de Clovis Albuquerque da Mata, son la demostración clara y rutilante de un espíritu que avisa las formas de la creación y las convierte en sinfonia acuática, en hymno vegetal, en nuevos signos, giros, que enriquecen la lengua lusitana, en elegía de amor, en límpia fé en Diós y heroica voluntad por el trabajo en la manigua!” **Alberto Manjarrés Wilches** ❖ “Estoy sumamente agradecido por su hermoso libro “Poemas Telúricos”, el cual ray despertado mi curiosidade de leerlo con la ayda de un dicionário de português. És un libro muy interessante y valioso para la literatura braileña” **Prof. Pedro Pablo Perez Gutierrez**.

Estados e Territórios — “A leitura destes poemas pandos de amazonidade faz perceber a dimensão exata da profunda erudição de seu formulador. Abeberou-se, estou seguro, nas melhores fontes para o estudo e interpretação da Amazônia” **Ary Brandão de Oliveira**, do jornal “Alto Madeira”, **Rondônia**, Porto Velho. ❖ “Li os seus poemas. Deles recende um aroma verde de gleba, de floresta virgem, de várzeas, de igapó, de lagunas, de beiradões, de Amazônia, de grandeza, de Brasil. Na poesia brasileira estava faltando um livro assim, desse gênero. **Kideniro Teixeira**, poeta e magistrado em Fortaleza, Estado do Ceará.

SEC-39592
-2662-

(Acadêmico Ad Honorem
do Centro Cultural e Artístico
de Felgueiras, Portugal)

CLÓVIS DA MATA

AMAZONÍADAS
UM
POEMÁRIO
DE
CABOCLITUDE

Av. da Amizade, 184.
Tabatinga AM

69640

1979

Am m
1403



A todos os intelectuais amazonenses e aos
aqui radicados, que amam a terra em quaisquer cir-
cunstâncias, o autor oferece este trabalho.

HOMENAGENS PÓSTUMAS

a

Ivo Nogueira Picanço (bisavô)

Nelcíades Araújo Albuquerque (avô)

Mário Marcos Albuquerque (tio)

1. A Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Antônio Carneiro Leão, cujas obras monumentais consolidaram a sociologia rural do Brasil.

2. A Amadeu Amaral, Waldomiro Silveira e Luís da Câmara Cascudo, que deram ênfase ao linguajar do homem do interior.

3. A João Simões Neto, Guimarães Rosa, Djacir Menezes e Paulo Jacob — este meu ilustre conterrâneo — que na literatura nacional elaboraram páginas imperecíveis aos homens nascidos nas coxilhas do sul, nas caatingas dos sertões e na selva selvaggia da Amazônia.

Dedicatória especial

a

Moacyr Rosas
João Mendonça de Souza
Kideniro Teixeira
Walter Siqueira
Aparício Fernandes
Alzira Fonseca Magalhães
Paulina Martha Frank
Genesino Braga
Djalma Batista
Jarbas Passarinho
Edson Almeida
Ary Brandão de Oliveira
Sílvio Meira
Daniel Marvéggio
João Nogueira da Mata
Alberto Manjarrés Wilches
Luís Viana Filho
Franco Montoro
José Sarney
Jorge Kalume
Frederico Petti
Padre Raymundo Nonato Pinheiro
Armando Coral Borja
Anita de Fernandez
Belmiro Vianez
Ulysses Bittencourt

Copyright by Clóvis da Mata

Revisão : Geraldo da Mata

1979

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Endereço do autor :

Av. da Amizade, 184, Tabatinga - Am

Av. Sete de Setembro, 1803, Manaus - Am

Títulos publicados :

1. POEMAS TELÚRICOS
2. TINTAS DA LEMBRANÇA

Próximos Lançamentos :

1. AMAZÔNIA EM VERSOS
2. NA PREAMAR DA MARÉ ALTA
(Um movimento pororoca)
3. AURORA BOREAL (romance)
4. BRASILÍADAS (poesias)
5. RECREIO SÃO JOÃO (romance)
6. DAS TENTATIVAS ÀS REFORMAS
7. TEMAS JURÍDICOS E OUTROS
TEMAS

Chape... Chape... Chape... Chape...

— Tá frio, né cumpade?

— Que nem pé de defunto mau-cheiroso!

— À buquinha da noite a gente chega no Paraná do Chico.

— Craro, cumpade!

Chape... Chape... Chape... Chape...

— Lá no fundinho do coiração tá dando um danado de frio, inté parêsqe o Andes tomou conta de meu corpo.

— Ê bom nós tomá um esquent-peito.

— Craro, cumpade!

A propósito, o pessoá da cidade-boiúna diz que nós semo indolentes e cachaceiros...

Indolentes qual o quê,

entonce a gente come um piquiá quente tudo dia prantando e pescando

pra fazer nussos irmãos comerem

e inda dizem que semo indolentes e cachaceiros?

— Lá isso é, cumpade,

é perciso ir olhar com estes olhos de ver as margens dos rios

como ficam ansin-ansin chovendo de pescadores a bom pescar.

— Ê o que a vista arcança.

Marupiaras e panemas se misturam como o Encontro das Águas...

Se mandassem os buas vidas,
bebedores eméritos de uísques escoceses
e fumadores contumazes de Pall Mall
ruçar três hectares de terra nestes ermos,
era de ver a aguaceira no fundilho deles
de muleza que iam ter.

— Cumpade, o sinhô tá fazeno sarapatel no casco
dessa gente maldosa.

— Craro, cumpade!

Isso que dizem de nós num é verdade, né?

Ê mentira da grussa que inventam contra nós,
e a gente veve neste mundão de sozinho
fazeno companhia a carapanã, pium e maruim,
com um gosto de timbó na lombada da língua...

Quando eles evêm se sabe,
arguma coisa piririca na cabeça deles
pro mode de nos arruiná.

— Craro, cumpade!

— Se alembra, o sinhô do Floriano, lá pros Beiradão
do Madeira?

— Sim, que aconteceu cum ele?

— Ara já cumantão, num me diga que num sabe,
que mais podia acontecer?

Pois num tiraro o home donde tava?

— E foi?

— Craro, cumpade!

Quando aquelas terras espinhavam que nem pêlo
de queixada

e engoliam o suor da gente talqualmente chavas-
cal, elas num tinha dono

e nem valor elas tinha.

Mas foi prantá de tudo e de tudo dá
apareceu um sêo num sei de quê

— tomara que o sinhô visse —,
com focinho de quati grelando tudo

e começa a pastorear a filha do home
e, o que é pior,
a TERRA!

Pois num é que conseguiu dá o bote, cumpade?

— Será?

— Craro, cumpade, agura quem diz sou eu!

Foi um sopro boreal que levou ele pra lá
pra apuizar a vida do Floriano.

Se fez amigo do home, a modo de tamanduá,
foi se achegando, se achegando, sem fazer
banzeiro e, nhaco! jaquiranou o coiração do
Floriano, sapupema humana de bondade com dez
metros de diâmetro.

Deixou sua filha beneficiada e ficou cum a
TERRA, que media 100 de largo por 200 de
comprido e tava um pitêu de farturosa.

— Terra bua pra se viver, cumpade, é a Amazônia,
inté os contrabandistas gostam dela
pro mode contrabandear,
por terra e por ar, em mensagens telegráficas,
e quando podem, por mar!

— Veja, cumpade, o baita cabeceando nágua:
Boto da cabeça furada! Boto da cabeça furada!

— Ê tucuxí atraído pelo mênstruo da mulher,
que lava roupa no beiral da várzea.

— III —

Mas isso num é nada, cumpade, o milhó evêm aí:
o sinhô num sei de quê
inventou um causo pro mode enganar o Floriano:
deu parte ao Delegado
dizeno que ele tinha metido as unha no bolso
e roubou um tutuzão.

Já sabe o que aconteceu, não cumpade?

apanhu, foi sujigado e obrigado a deixar a TERRA
se não, xadrez pra ele
e ia ver o sol quadrado!...
Lá se foi o Floriano prantá macaxeira em utra
redondeza longe como diacho.

- Inté parêⁿsque mundruga feita pra ele...
- Eu vi o Floriano cum repiquete de saliva na
garganta
e seu sangue estiar de desejo de vingança.
- Ê isso mermo, cumpade,
num sabemo quando nós vamo tê vez.
Acustumam dizer que nós vivemo pra roubar,
mas a estória é bem utra,
é o reverso da medalha, se não vejamo:
o sinhô num sei de quê
evém cum cara de macaco de cheiro, se achegan-
do de vagar remansoso que só ele,
como quem não quer nada querendo tudo,
come nusso arabú, bebe nusso chibé, embala-se
na tucum
e põe-se a dormir como inglês:
cum olho aberto e utro dizque fechado!
Pro riba de tudo, rouba nussa filha
e deixa nós moqueado de mágoas.
Ê perciso ser feito de fibra de angelim
pra mode aguentar tanta sordidez junta!
Curupira da sorte semo nós todos
que vivemo sempre remando contra a maré
cum a vida em rebojo dia-a-dia!
- Qu'isso cumpade, não se amofine tanto
nem blasfeme ansin contra a sorte,
apois tá chegando a nussa vez muiquitando
bons preságios
verde-coentro-de-esperança-verde-verdinho-de-
verdura.

— Sabe, cumpade, o sinhô é muito otimista, mas eu
já levei tanto ouriço na cabeça, que vivo ouriçado
da vida!

— Por que, cumpade?

— Ara já cumantão, entonces o sinhô num sabe,
apois vou contar a tristura da minha vida direi-
tinha
pra mode num deixar dúvida como o encanto da
Iara:

Eu tenho um filho, o Charles Brown,
curumí danisca de esperto
que tem uma comichão de idéia' na cabeça,
lá um dia se mandou Madeira abaixo
pra cidade-boiúna,
com os olhos sucuriando de vontade de vencer.
Durante muito tempo num tivemos mais notícias
dele.

A mãe ainda hoje guaribava num canto do quarto
cum a vida em tapiri numa enseada de tristeza,
quebrantada que só.

Um poraquê emotivo le arrebentou os nervos!
apois bem: lá um dia deu o ar de sua graça
rabiscando esta «embaixada»
que trago guardadinha no aturá da calça
com piché de tabaco e olor de esperança,
curtido como curo de mucura, para um dia ris-
postar:

MEUS PAIS

Eu aqui vou indo bem. Estou fazendo o
Madureza, que é uma dureza. pra recobrar o tempo
perdido aí nessas lonjuras de tristes. Não quero
mais vegetar, quero viver. Hoje sou homem de ci-
dade grande com uma piracema de planos dardane-

lando na cabeça coivarada, pronta para a floração futura. Eu venço.

Deitem a bênção no filho que um dia espera vê-los.

a) Charles Brown

— Bunito, né, cumpade? Esse deu pra gente e tem
futuridade!

— Ê, bunito como cara de acarí-bodó!

O sinhô não carcula o potó que queima aqui
no peito!

A gente cria cum tanto sacrifício um filho desses
e a recompensa é essa.

Aliás, cumpade, isso é vício arrepiado que
nem tambaquí velho!

Vivem dizem que se deve prender o caboclo no
seu Habitá!

— Que diacho é isso de Habitá, cumpade?

— Num sei não, mas deve sê adonde a gente mora,
porque se fôsse coisa bua, que a gente esperasse
sentado.

— Vá lá que é isso mermo, cumpade!

— Aproveitando o embalo, dá cá a minha moringa
pra refrescar a embocadura da garganta...

— Lai vai, cumpade, o sol sentando por detrás do
horizonte

que desmaia rosicler após o monte.

como um rajá paramentado em luz!

— IV —

— Como tava dizem, que tá havendo o inchamento
da Capitá.

— E Capitá já incha, cumpade?

— Home num sei, só sei le dizê que estes ouvido tão
inchando,

que nem buca de tambaquí em friagem forte!

- Que tá havendo Exodus!
- Santo home, que já antão é isso?
 - Também num sei, mas deve ser cauré pro nusso lado!
 - Pra lá anzol, nem brinque ansin cumpade.
Ê milhó pisar na dor que le mói o peito
solando ao pinho os versos do Kideniro:

Saudade, veina rubrica
que a minha vida marcou...
Saudade é aquilo que fica,
daquilo que não ficou!

A cunhã entrou na oca
vindo do seio da mata,
recendendo a «priprioca»
e a catinga de mulata...

- Tomando o fio da meada, o milhó já evém vindo!
- Cumansi, criatura de Deus?
- Sabe o sinhô quem anda cum essas idéia sirin-
gando na cabeça?
- Não, quem havera de ser, cumpade?
- Meu filho, o Charles Brown,
juntamente cum cardume de colegas do hinter-
land.
- Adispois que se encontram nas cidades-boiúna
só evém pro interior pra pescar, dizque,
e voltam lugo, pra num perdê tempo.
- Magine só que o Charles Brown disse que num
cabe onde nasceu.
- Lá no Anamã!
- Tá danado de grandão esse rapaz, cumpade!
- Enquanto isso, nós vamo entrando bem nos rega-
tões da vida,
jitinhos de esperança, sem poder nem respirar!

— Ê por isso que meu filho veve cantando, satisfeito que só ele:

Eu sou da Mata
da Mata eu sou,
da Mata vim,
pra Mata vou.

Mais de Nogueira
que de Picanço
e Angelim,
da Mata sou,
da Mata vim,
pra Mata vou!...

— Cumpade, aquelas borboletas adejantes,
brancas, azuis, amarelas e alvi-negrinas
ité parêsqe um festival de cores,
de aladas peregrinas...

— Ah! Cumpade, me dissero que um sábio nor aqui
um dia andou

atrás de borboletas,
e que num dia apanhou mais borboletas
do que todas as que existem na Eurona!

— Eu nascí ao pé da serra na cabeceira do Negro
em frente ao lago do sol, juntinho ao lago da lua
quase perto da serra São Simão
na fronteira,
na fronteira,
banhado pela Bela Adormecida
cachoeira,
dentro de nusso torrão.

— V —

— E o Faber, cumpade, como vai ele?

— Ah! o Faber, o do tuco do lápis!

Vai ansin-ansin, qual canua desquilhada nas cor-
renteza da vida
'pesar de ser nascido do tuco do lápis
num sabe ler nem escrever,
uma tronqueira de aguano le entope o leito da
da garganta

como um sacado de dor,
e uma tristeza perauzante bigorna no seu peito
varzeando seus olhos de lágrimas
nessas brenhas de tanta solidão e cheia hiante...

Mas ele agura fincou pé
e diz que num é home pra morrer na beira,
por isso tá estudando pela TV o
João da Silva

e, pelo jeito, cumpade, ele vai longe!

— Ah! cumpade, antão o sinhô arresolveu
remover também os espinho' de cajarana que me
sangram o coiração!

— Ara como pode ser, cumpade?

— Podendo e sendo!

Vou le contá de prua à pupa a desgraceira tuda:
eu tenho um primo de fogueira, o Zequinha Pi-
raíba,

que fala tanto em «crítica consciência»,
mas o que sei é que le falta consciência
e um tico de crítica.

— Por que, cumpade?

— Ara veja só, esse primo andou arigozando
lá pras banda do Rio de Janeiro, na cidade Ma-
ravilhosa,

pra mode estudar as Belas Artes, dizque;
mas certo dia voltu pela metade
qual jacaré-açú devorado por Suçuarana,
cheio de «crítica consciência»,
e começou a dizer cobras e lagartos sobre a terra,
como se a dele fôsse diferente das utras

e num tivesse as mesmas urucubacas de aconte-
cências...

— Mais um, é cumpade?

— Craro, cumpade!

E o pior é que num diz que se formou no Amazo-
nas, mas que cursou as Belas Artes lá pra longe,
dizque!

— Vê só aquilo naquele escampado, cumpade:
tão sirgando a canua pra riba d'água

— Tajá-jibóia pra pegar ladrão!

Tajā-jibóia pra pegar ladrão!

— VI —

— Certa vez utro matá-matá da mesma laia
bem fornido pelo Governo que le serve
num ajurí inté de gente grande de utros Estado,
lá na Bahia,

falô alto como copa de Bertholletia Excelsa,
aquelrando a voz sem avaliar o que dizia:

«Ocês sabem que o Amazonas aderiu à Indepen-
dência adispois de um ano?»

e a turma se entortava de gozo e gozação,
porque é disso que ela gosta.

Apois bem: veve o Zequinha Piraíba chamando
os utros de medíocres

quer-porque-quer que ubá se transforme em
Vaticano

e carro de tração animal seja Buick ou Rolls
Royce!

«Quem tudo quer tudo perde», já dizia o Curuné
Pafúncio, lá na dobra do estirão!

— Né, cumpade?

— Craro, cumpade!

Caboclo suburucu também é gente:

habla castellano muy bien

e uve rádios de Havana, de Londres e das Guianas

- e utras nuvens de anacás transistorizados
que povoam de sons nussa Amazônia!
- Dê cá a cuité, cumpade, a canua tá bebendo água!
- Nesse tocante, me alembrei do Jacaúna
que arribou lá do Nordeste
com a língua sabrecada por faltar H₂O
e bebeu água, bebeu água, bebeu água
inté ficar empachado,
e inda diz que aquí num é **Terra da Promissão**
é «terra igual às utras», dizque!
- Lá isso é, cumpade, magine que ele disse certa
feita
que mijava pra poder beber de novo,
lá na sua Paraíba!
Mas não há forasteiro que daqui sáia, que não
esculhambe a terra
quem nem aquele trambolho que por acauso aqui
nasceu,
pois em troca de uns coados
foi capaz de ofender a própria mãe!
- São daqueles que aduram viver de mangará na
buca
fazeno ciúmeira ao bananal,
touceira hermafrodita vegetal.

Tamba-tajá, bata-já, bata-já
Tá? Já! Tá? Já!

— VII —

- Cumpade, espia quem evém vindo fazeno bigode:
a Xiborena!
- Vamo pegar o reboque pra chegar mais depres-
sinha
enquanto o temporal não desaba,
pois as nuvens tão ficano carregadas...
- Tá chovendo, chuveranando, cumpade.

O ventoral açoita os braços verdes das Juçara Solvisca, solviscando.

— Sol com chuva, diz a Janã, é casamento da mucura!

Vamo pra beira, as água tão se encrespando pro nusso lado,

é temporal chegando.

— Alembrei-me agura do Epifânio quando remava cum as mãos, ele e mais utros triscados que só eles, com as ondas crescendo, crescendo, crescendo, que pareciam castelos encantados de uma Atlântida perdida:

«Valei-me Nossa Senhora do Bom Parto!»

e um banco de areia apareceu,

e o Epifânio salvou-se.

Tá vivinho pra contá do causo!...

— VIII —

— Que tombo foi esse, cumpade, a canua parêscue ir a pique!

— Uma lombada de pirasca desse tamanhão, tucu na ré.

— Por falar nisso, traz lugo o tucunaré, se não fica esturricado.

Passe a cuité de uariní e o molho de murupí, ou um pouco de arubé,

pra mode saborear o assado, cumpade, né?

que tá dano nó na tripa de gostoso qu'ele tã.

— Vamo tomá sustança, cumpade pra logo mais no forró do Buraco da Florzinha.

— Hoje é sexta-feira 13, home! acostumam os irmãos gêmeos dá um bordo por lá!

— Lá por onde?

- No Buraco da Florzinha!...
- Me dissero que certo dia le perguntaro:
«A prole de seu marido é grande, não?»
rispostou: «não, é jitinha da polegada de um
dedo!

— IX —

- Vigie só, cumpade, o tejupar do Amazonino
bafejado pelos leque' das palmeiras
inté parêsqe um sultão cercado de jurubebas
e odaliscas bananeiras.
- Dentro daquela tapera improvisada
há mais felicidade do que nos Mapinguari' de
concreto
das cidades-boiúna',
que à noite acendem dezenas de olhos encandean-
do o povo!
- O gozado, cumpade, é que só romanceiam as nus-
sas dores
rendilhadas de misérias e sofrimentos,
mas os nussos momentos de ventura
no recesso sagrado da tapera
qual o quê quem que haverá
de exaltar!
- O pai da Vitória-Régia, aquele cheiro-cheiroso
de mulher,
chegado-chegadinho do Paraná do Chico
— também dito da EVA,
jurou inté a pés juntos que uviu trotes de cavalos
na calada da noite
espantando a vizinhança :
Marapatá
pata

pata

pata

onde os de fora deixam a «crítica consciência»
e alguns de dentro também, quando detratam da
terra.

Sornas sem eira nem beira, de pajurebas man-
cadas!

Cumé triste, cumpade!

— Nas corredeira' dos rios há muita filosofia,
espia só aquelas ilhas verdejantes
que transportam cismativas garças como alvas
interrogações,
apoiadas sobre pernas que são hastes iguais a
fios

de uma eretitude impressionante.

Ê o rio correndo. Ê a estrada andante

Periantãs!

Periantãs!

— Alembrei-me agura do Jaguari, o que matou a
pintada,
caboclo peua fibroso do teor da piranheira,
quando le perguntaro certo dia:

— Esse couro é seu?

-- Não, é da unça, rispostou.

Esse home tava seno desfeitado
por um avalentado qualquer
que tinha a língua maior que de pirasca
e brandia no ar uma peixeira seguida de um gole
de cauim,
inté que o Jaguari suportou tanta valentia junta
e le deu uma pisa do tamanho de sua língua,
quando antão o VARRE VENTO voltu a ser
como dantes:
quando antão o VARRE VENTO voltu a ser
como dantes:

UM PARAÍSO VERDE

— Aliás, há muito verde nesta bendita rechã:

verde solo verde sol verde arrebol
verdes gôtas verdes moitas verdes toigas
verde vago verde lago verde bago
verde vento verdelento verderedo
fauna verde, verde flora defloradas
verdoiranas verdecanas verdairosas
verdes rios verdes cios verdes pios
verdes choças verdes poças verdes roças
verde ontem verde hoje verde amanhã
verde canção verde oração verde aurora

CANAÃ VERDE!

— X —

— Enquanto utros Estado' tão devorando a utros
para se tornarem mais avantajados,
querem **delmoticar** o corpo do Amazonas.
Vá propor divisão nas alterosas ou
nos pampas
nas caatingas do Nordeste adusto,
e veja só a pororoca imprecativa:
«Intrusos!...» Vendilhões! Etecétera e tal».
Mas no Amazonas não, tem que ser dividido
pra feudalizar o nusso sentimento de amor à
à terra.
Quanto mais nanico, milhó, ansim não diz, mais:
«O maior Estado da Federação!»
E os bobos vão no samba e no baião
com a língua no saco e a viola na mão!
— Craro, cumpade!

— IX —

- Cumpade, dizque no tronco daquele cumaruzeiro vaga-lumes fagulham como raízes em fogo.
- Argum tesouro dorme no tronco dessa arvre, daí uma bola de fogo saltitante endireita ao centro da mata.
- Ê lobisomem, cumpade!
- Certo dia convidaro o Anastácio à meia noite, se tanto, pra cavar dois metro e meio no tronco do uricuri, por um nada daquilo bebeu igual a Gambá pra quê num se sabe, vez que o home não ficava bêbo.
Bum! Bum! Bum!
slup slup slup
- Que estrondo é esse que evém pra cá? a noite está tão espantada que tá piscando piscando mil olhos feitos de estrelas...
- Ê a mulher do tabaco!
- Qual o quê, é mistério do rio!
- Chi! cumpade, pelos palmos de água que levanta é cutimbóia, bóia, bóia.
- Me alembrei de um certo causo que me contaro um dia, na casa da Nacaíra, de uma tá Cobra Norato que se criou no Amaonas mas gostou foi da vintém e, toda chibante e dengosa esturrou lá pra Belém...
- Acauã Acauã Acauã
- Tamo chegando no Paraná do Chico, lá tá a cunhantã de poronga alumando o porto.
- Craro, cumpade!
- Chape... Chape... Chape... Chape...

RESSONÂNCIAS DA CRÍTICA

RESSONÂNCIAS DA CRÍTICA

Lí o seu «TINTAS DA LEMBRANÇA» e como me senti feliz! Que grande Poeta é você, meu caro Clóvis. Os seus poemas impõem-se pelo arremesso patriótico, pelo gosto glebário, pelo sentimento cristão que cada canto sublima em estilo rico e profundamente inspirado. O poema «Honra a Lumumba» é uma obra de arte requintada. Outros existem em «TINTAS DA LEMBRANÇA», para o paladar um tanto exigente, que comovem pela sua delicadeza: «Verão de Minha Terra», «Via Crucis», «Lembras-te, Amor?» e outros mais que nos tocam à sensibilidade de forma muito agradável.

KIDENIRO TEIXEIRA

Acuso o recebimento de sua amabilíssima carta, cujas expressões generosas agradeço. Gratíssimo também pela gentil oferta dos magníficos livros «POEMAS TELÚRICOS» e «TINTAS DA LEMBRANÇA». Às voltas com mil-e-um afazeres nesta época de organização de livros, não me foi possível lê-los na íntegra, mas li alguns poemas e, como pelo dedo se conhece o gigante, pude constatar que estava em presença de um poeta autêntico. Por isso, terei imensa satisfação em incluí-lo nos livros que atualmente estou organizando.

APARÍCIO FERNANDES

Por médio de estas efímeras lineas, me es

sumamente grato, responder ante el acuse de su bellissimo libro «TINTAS DA LEMBRANÇA», que he leído con sumo placer, ! y le agradezco infinitamente a Usted y ao nobilíssimo y siempre querido colega Kideniro Teixeira, Hermano de verdad, ! que le ha recomendado enviarme su precioso libro; que no cabe de reiterarle mi mas sentido y profundo agradecimiento, — Pues es que he hallado em su lectura, para destacar mismo, ! y digno del mayor elogio, unos preciosos sonetos; Pero no le van em zaga tampoco, outras compsiciones, que si bien salen un tanto del estilo clásico, son verdaderas Creaciones, ! todas bellamente descriptas y haciendo galas de su proverbial vocablo, que adorna sueños maravillosos; inspirados en las bellezas naturales de esos pintorescos lugares, segun describe Usted, un verdadeiro Nirvana, del grande y multifacético hermano mayor. nuestro querido Brasil.

DANIEL MARVÉGGIO PEREZ

(Da Revista «El Rosarino» — Uruguay
e Membro da Asociacion Internacional
de Prensa)

Uma poesia exuberante, que muito possui de grandeza amazônica. Uma inspiração espontânea, talvez impossível de ser contida, deu origem a muitos sonetos e poemas que foram marcados pela chama de inteligência em plenitude poética. O livro «TINTAS DA LEMBRANÇA», do Dr. Clóvis da Mata, com um apêndice de opiniões críticas, dentre as quais se encontra a do notável malabarista da palavra escrita que é PABLO CID, faz também concessões ao amor. O estado de espírito do poeta é exaltativo. Do adjetivo ao verbo, o Dr. Clóvis da Mata estabelece uma conexão de sentimentos arrancados do próprio Eu.

WALTER SIQUEIRA
(Inspirado Poeta de Campos)
«Folha do Comércio» A CIDADE —
Campos RJ

Acabo de ler, embevecido, as suas «TINTAS DA LEMBRANÇA», que mais uma vez me fizeram vibrar. Tenho pela poesia um respeito quase místico, apesar de nunca ter composto um único verso. Mas deixe-lhe dizer que fiquei enternecido, no livro, a partir da dedicatória à sua irmã Maria do Carmo, no texto evocada também com um soneto. Fui de certo o último assistente de Carminha, em quem adivinhei o olhar ansioso de viver e o amor que representava para os pais e irmãos. Apreciei também o seu soneto «À Minha Mãe», muito bem pensado e justo, em relação a quem merece o título de uma santa. Gostei imensamente dos versos de amor, que são belos e sentidos e devem ter deleitado o coração das mulheres que foram neles celebrados.

Vejo que você é um legítimo poeta, a quem falta apenas um pontinho a mais, para alcançar a altura de um Thiago de Mello. Não se preocupe com métrica e rima. abandone a forma clássica do soneto, que você vai longe. Há no seu espírito a matéria-prima de um grande Poeta.

DJALMA BATISTA

Suave como a noite, cintilante como as estrelas, romântico como a lua, o jovem bardo amazonense, Dr. Clóvis da Mata, sintoniza o coração e instrumenta a regência orquestral de seus cantos e hinos melódicos em seu novo livro de poesias «TINTAS DA LEMBRANÇA», vestido mais uma vez de seu valor cultural e sobressaído de seus excelentes dotes que ornaram sua alma sensitiva. Cheio de encanta-

mento e doçura, atinge a largueza da força extraordinária do verso, no símbolo do amor e da exaltação. Poesias cultivadas como em canteiros de rosais, impõem-se à admiração, na maior ou menor distância dos dias felizes vividos pelo jovem poeta. Sem derivar dos ternos sentimentos quanto permite a inspiração, ele aplaude o amor como uma virtude, embora conserve, em suas composições, aquele gosto da poesia do martírio, de Castro Alves e Olavo Bilac e, como um poema épico, estertora em forma de último alento, ao soluçar das mágoas em sua «Cosmovisão do Amor», em prantos desabrochando rosas, molhando sua alma qual o sereno da flor.

EDSON ALMEIDA

O Poeta dos caboclos e da integração nacional. Tudo na sua poesia é grandeza, é fabulástico, digna dos maiores encômios. Forma com Raimundo Monteiro, Álvaro Maia, Américo Antony e Thiago de Mello, o quinteto maravilhoso e insuperável da expressão poética amazônica, em todos os tempos.

LUIZ FERREIRA TENAZOR

Foi grande a legria de receber o seu mais novo livro «TINTAS DA LEMBRANÇA». E não menor o prazer espiritual de o ler, com sofreguidão, preso pelos assuntos e pela maneira elegante de contá-los, a começar pelas reminiscências comuns a todas as criaturas sadias — cujos versos despertam em mim profundas saudades das estrepolías infantís — passando pela «Justiça na Fronteira» até o maravilhoso fecho «Tintas da Lembrança».

Nesta época de pessimismos e derrotismos, a sua Poesia faz um bem enorme pelo que ela contém de vibração positiva, mas também aos que

fizeram a grande viagem, como a sua irmã Maria do Carmo e todos os relembrados com carinho e respeito. Todos hão de estar felizes pelo que fez e muito ainda há de fazer, na sua caminhada distribuindo Luz e Justiça.

ULYSSES BITTENCOURT

Dr. Clóvis, foi com emoção que recebi o seu magnífico livro «POEMAS TELÚRICOS», com o forte cheiro dessas terras imensas povoadas de lendas e indescobertas à nossa imaginação.

A Magistratura continúa sendo a bandeira cultural que ocupa em honra de nossa língua e de nossa literatura esses vazios imensos de nossos Brasís.

Cordialmente,
JOSÉ SARNEY

Desejo agradecer-lhe, nesta oportunidade, a distinção da oferta de seu livro de poemas «TINTAS DA LEMBRANÇA» que nas minhas próximas férias, terei o máximo prazer de lê-lo, juntamente a outros livros recebidos. Cardialmente, um abraço de

CLARIBALTE PASSOS

Entre os inúmeros intelectuais que saudaram o jovem e grande poeta amazonense, Dr. Clóvis da Mata, na oportunidade em que surgiu «POEMAS TELÚRICOS», sentimos a honra de ver incluído o nosso nome. E agora, ainda morno o sucesso que alcançou o livro de estréia, Clóvis da Mata surge com 50 poemas ainda imanizados do telurismo que magnificamente caracterizou seu primeiro livro.

O grande poeta colombiano Alberto Man-

jarrés Wilches em frases sonoras, consagrando a nova e majestosa expressão poética planiciária, revela que Clóvis da Mata, além de ser o nobre continuador da inconfundível linhagem espiritual paterna — Dr. João Nogueira da Mata, é senhor de um estilo soberbo.

PABLO CID (Dr. MOACYR ROSAS)

Recebi do eminente conterrâneo Dr. Clóvis Albuquerque da Mata, Juiz de Direito da Comarca de Benjamin Constant, seu novo livro de poemas **TINTAS DA LEMBRANÇA**, ofertado com palavras abertamente amigas, posto que excessivamente generosas. O autor, colocando a harpa do coração nas franças da sensibilidade, ao sabor dos mais nobres sentimentos, soube produzir suaves harmonias, deleitando-nos a emoção. Clóvis da Mata canta a natureza amazônica, de policromia estonteante, celebra figuras que se notabilizaram na comunidade, reverencia vultos universais e projeta flagrantes geográficos e corográficos do Amapá, nosso comum Estado natal. Nos poemas metrificados, nem sempre a métrica é perfeita, o que se pode explicar pela decisão do próprio autor, desejando compor os versos com mais liberdade. Eu o aconselharia a preferir os versos soltos ou brancos, e alguns encontrei, harmoniosos e fascinantes.

Padre NONATO PINHEIRO

UMA OBRA DE CLÓVIS DA MATA : «POEMAS TELÚRICOS»

São 15 poemas de exaltação à terra onde nasceu, à jangal das águas grandes e das matas luxuriantes, poemas de belíssima inspiração, em que a

fibra do caboclo, a intrepidez do índio e a pletora da natureza têm a sua merecida consagração. Alguns poemas são de ordem sentimental, quando o autor retrata, com muita expressão, cenas de sua infância e adolescência. O autor, amazonense dos mais ilustres e cultos de sua geração, não esqueceu a cidade onde nasceu: a nossa Manaus, onde ele teve o seu berço, os seus amores e a sua formação escolar e jurídica.

(Revista MANAUS-MAGAZINE)

Nos complace sobremanera haber recebido su exquisita obra literária TINTAS DA LEMBRANÇA, la misma que me gustó tanto a mí como a mis demas compañeros, quienes venimos batallando en nuestro quehacer literário.

Dr. Clóvis da Mata, reciba el fraternal saludo de todos sus amigos peruanos, a queines nos gustaria conocer la bella ciudad de Tabatinga en la hermana República de Brasil.

En espera de su amáble atención nos despedimos de Ud,

Muy atentamente,
FREDERICO PETTI

(extraído de ANTORCHA, revista cultural da Universidad Nacional da Amazonia Peruana)

Somente agora acuso o recebimento de seus livros: «TINTAS DA LEMBRANÇA» e «POEMAS TELÚRICOS». Não foi descaso nem esquecimento, deixei mesmo para fazer esta comunicação, depois de ler os dois belíssimos trabalhos e ao mesmo tempo poder enviar o meu último estudo que foi lançado

em 5 de junho, o que ora faço. Gostei dos seus trabalhos, que são pérolas legítimas e brilhantes refulgentes de sua sensibilidade poética. Admirei a síntese histórica de Tabatinga, tão artisticamente saída de sua pena. Meu amigo Clóvis você está de parabéns e não só você, o Amazonas também, por tão belas páginas.

AGENOR FERREIRA LIMA

A Clóvis da Mata, gran «POETA AMAZÔNICO», con la admiración de quien tuvo la dicha de leer con sumo placer TINTAS DA LEMBRANÇA.

ARMANDO CORAL BORJA

Sentí uma satisfação imensa, ao receber aqui no extremo sul do Brasil, um livro de versos escritos por um poeta amazonense.

Orgulho-me o ter recebido a oferta de TINTAS DA LEMBRANÇA, admirável pela fértil inspiração do autor, ora lírico, ora épico, e muitas vezes impregnado de comovente telurismo. Meus parabéns e os sinceros votos de que continue a brindar-nos com a essência de sua alma tão nobre e inspirada.

ALZIRA FONSECA MAGALHÃES
(Helenara)

Com meus cordiais cumprimentos agradeço prezado amigo significativa oferta exemplar TINTAS DA LEMBRANÇA.

Atenciosamente,

LUIZ VIANA FILHO

Com os meus cumprimentos, agradeço remessa seu notável livro TINTAS DA LEMBRANÇA. Cordialmente, FRANCO MONTORO.

El motivo de la presente es enviarle un pequeña dedicatória en honor a su último libro de poesia. La palabra divina de DIOS, la palabra del poeta y la buena música de los grandes maestros, son los tesoros más esenciales para darnos fé, esperanza y alegría espiritual. El Dr. Clóvis da Mata, prestigioso Juez de la bella ciudad de Tabatinga con su reciente obra TINTAS DA LEMBRANÇA ha sacado a la luz un eloquente tesoro literário, pletórico de belleza, arte, história, el cual ya está transpondo las fronteras del Brasil. Através de su lectura practico el idioma portugués y cada poesia me enseña la história y las costumbres del hermano país del Brasil. Ponga en su futuro libro algunas fotografias de la selva del Brasil para ilustrar sus poesias y darle el valor verdadero a su fuente de inspiración. Es Usted um Gran Poeta y siga escrebiendo en sus horas libres para enriquecer la cultura de su pueblo.

PEDRO PEREZ GUTIERREZ
Iquitos - Peru

Querido Poeta: con profunda emoción recibí, la encomienda que Ud. muy gentilmente me en-

viara, siendo su nuevo y maravilloso libro de poemas TINTAS DA LEMÜRANÇ, junto con dos ejemplares del diário «JORNAL DO COMÉRCIO», que contienen artículos sobre la poesia de Ud. Quiero decirle, mi querido amigo, que he leído y vuelto a leer sus dos libros con suma pasión y ahora, quando por aspectos de salud, me encuentro en esta capital que pasa de cinco millones de habitantes ahora encuentro en su poesia un mensaje diferente y es que está en ella el Universo Amazónico y por eso es verdaderamente grandiosa.

ALBERTO MANJARÊS WILCHES
Bogotá - Colômbia

Quero agradecer-lhe a gentileza da oferta de seu livro intitulado TINTAS DA LEMBRANÇA, que estou lendo com muito agrado.

Ao lado da vocação poética, o livro revela um entranhado amor à terra amazônica, que se evidencia não apenas na dedicatória a Tabatinga, em seu bicentenário, mas em vários poemas, entre eles «Na Hinterlândia» e «Verão de Minha Terra». Aceite, caro amigo, as minhas melhores felicitações por tão louvável empreendimento cultural.

SÍLVIO MEIRA

Seus poemas — mesmo os de temas os mais singelos, ou triviais, são inegavelmente densos de força humana sob o comedimento formal do jogo de palavras, do malabarismo verbal. Seu tipo de construção poética revaloriza qualquer idéia, qualquer imagem e dá à palavra comum sentido ritmico de excelente consonância. Voltando-se para os episódios de sua infância, — como «subindo nas árvores/pulando nos ramos» — ou para os instantes de sen-

tido elevado, como nos sonetos «Flor de Inverno» e «Cantata à Mãe», sua musa adeja, ainda por temas coletivos, ou de elevação à Pátria, registrando, como um poeta-sismógrafo, as oscilações da vida social. E quando se volta para dentro de si próprio, aí então suas imagens me parecem abissais, como naquela deliciosa demonstração cultista «ser sou, ser vou». Tudo, porém, com muito talento e soberba imaginação. Meus parabéns às letras poéticas do Amazonas. Agradeço-lhe, também, a honra que me deu inserindo o meu nome no poema «DIÁLOGO NO SIDÉREO», que tanto apreciei.

GENESINO BRAGA

Conforme lhe havia prometido, quando do recebimento de seu livro POEMAS TELÚRICOS, aqui estou para dizer-lhe que somente agora terminei de lê-lo. Li-o e gostei muito. São poemas absorventes e bons de verdade. Exaltam com veemência a nossa Amazônia e o seu caboclo. E eu, sendo homem da Amazônia e apaixonado pelos seus problemas, não poderia deixar de parabenizá-lo por essa jóia literária. Hoje, portando uma dedicatória sensibilizante, recebi o seu TINTAS DA LEMBRANÇA que, como POEMAS TELÚRICOS, terei a máxima satisfação de lê-lo e, brevemente, voltar à presença do nobre poeta com o meu veredicto sobre mais essa importante obra de sua lavra.

Um abraço do amigo e admirador,

JORGE KALUME

Do poeta e meu velho amigo Clóvis da Mata, recebo TINTAS DA LEMBRANÇA, depois de ter sido premiado com os seus POEMAS TELÚRICOS. Líder estudantil na juventude, funcionário do Esta-

do, e hoje brilhante Juiz de Direito da Comarca de Benjamin Constant, Clóvis da Mata reacende na poesia a herança cultural herdada de seus ilustres ancestrais. TINTAS DA LEMBRANÇA pincela-nos a alma de arco-íris e de auroras.

BELMIRO VIANEZ

O autor, poeta amazonense, presta com seu livro TINTAS DA LEMBRANÇA, homenagem ao bicentenário de Tabatinga, cidade localizada no alto Solimões e que foi anteriormente uma aldeia indígena. É muito raro, desse meio agreste do Amazonas, um intelectual projetar-se no mundo das letras. Para isso terá de enfrentar mil dificuldades que o meio lhe apresenta. Clóvis da Mata venceu-as e nos brinda com seus poemas retratando os saudosos cenários desse sertão. Ou então nos retrata as saudades de seu tempo de menino... Assim, é o livro todo. Leitura amena, diferente, dando-nos uma visão do viver em meio às selvas amazônicas.

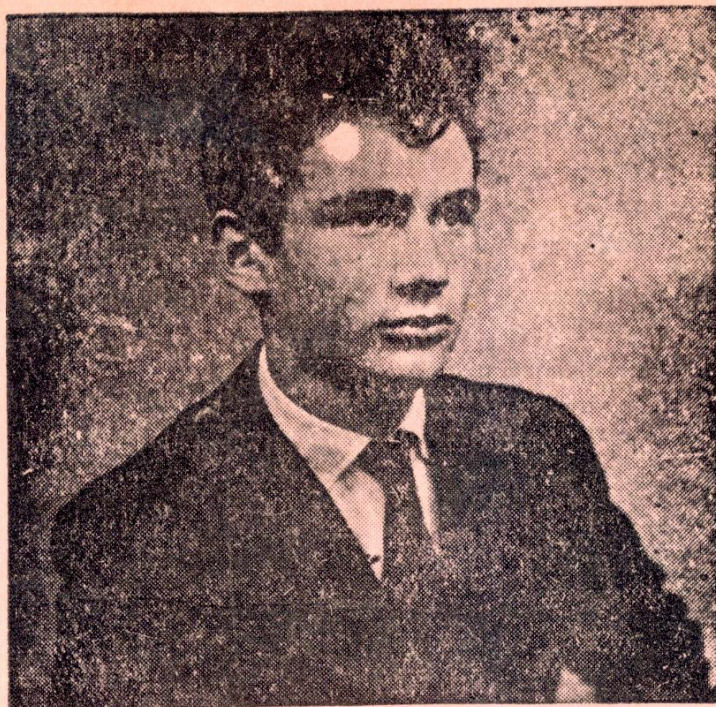
PAULINA MARTHA FRANK
(Extraído de «O IMPARCIAL»,
de Campinas - SP)

Clóvis Albuquerque da Mata estreou nas letras amazonenses com indiscutível bom êxito. Deram-lhe apoio, por meio de artigos de jornais ou de cartas, escritores de grande projeção cultural não só no Amazonas, senão ainda em outros Estados da Federação, e até além-fronteiras, na Colômbia e no Peru. Dentre homens de letras destas plagas, Djalma Batista, Genesino Braga, João Mendonça de Souza, padre Nonato Pinheiro, Moacyr Rosas, Edson Almeida e Jackson Pinheiro. Dentre intelectuais de outras Unidades Federativas, Ary Brandão de Oliveira (Rondônia), Jorge Kalume (Acre) e Kideniro Teixeira (Ceará). De além-fronteiras pátrias, o poeta colômbia-Alberto Manjarrés Wilches, presidente da "Unidad Coordinadora de Investigaciones Amazonologas", e o professor Pedro Pablo Perez Gutierrez, diretor do Centro de Capacitación Profesional "DWIGHT DAVID EISENHOWER", em Iquitos, Peru.

Adentrando-se nos segredos da poética desde os bancos ginasiais, no Colégio D. Bosco e no Colégio Brasileiro, encontrou sólida inspiração nas produções de Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, e tantos outros. Enamorou-se da liberdade poética, dos versos brancos ou soltos, marginalizando o rigor da métrica e as rimas ricas e raras. Entregou-se por inteiro ao turbilhão do século XX.

Duas criações literárias o atraíram sobremaneira: "Cobra Norato", de Raul Bopp, e "Macunaíma", de Mário de Andrade. Ambas ligadas à temática da Amazônia, a área para ele de transcendental importância. Álvaro Maia e Américo Antony encheram-se de amor à **terra mater**. Daí "Poemas Telúricos", com que se lançou nos amplos domínios da literatura, e "Tintas da Lembrança", um repositório sobretudo de lembranças da infância e da adolescência.

Agora, "Amazoníadas — um poemário de Caboclitude", constitui a melhor afirmação de fé e esperança na vitória da campanha, em desenvolvimento, a prol da redenção da Amazônia, que ainda será, no conceito de Alexandre Humboldt, o celeiro do mundo.



Clóvis Albuquerque da Mata nasceu em Manaus, capital do Estado do Amazonas, a 27 de julho de 1941. Filho do dr. João Nogueira da Mata e de sua exma. esposa Alice Albuquerque da Mata. Fez os estudos secundários no Colégio D. Bosco e no Colégio Brasileiro. Exerceu, por alguns anos, posição de liderança no seio de sua classe, inclusive como presidente da União dos Estudantes. Com evidente vocação para o jornalismo, prestou eficiente colaboração à «Tribuna», «O Cometa» e «Folha Literária», órgãos estudantis que então circulavam. Criou, juntamente com uma plêiade de jovens, o Centro Literário «Adriano Jorge» e o Centro Literário «Augusto dos Anjos».

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Amazonas, em 1971, dedicou-se à advocacia, por algum tempo, e em seguida fez o concurso para Juiz de Direito, em 1976, logrando classificação nos primeiros lugares, o que lhe assegurou nomeação para a tradicional comarca de Benjamin Constant, em Tabatinga.

Além de «Poemas Telúricos. (1977) e «Tintas da Lembrança» (1978), livros que alcançaram ótima receptividade nos meios intelectuais, volta agora com «Amazoníadas — um poemário de Caboclitude», dedicado a quantos, no interior, aceleram o desenvolvimento do Amazonas.



AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail: acervodigitalsec@gmail.com

